



Qualis A3 ISSN: 2178-2008

ARTIGO

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



A mulher na visão do patriarcado e a luta pela igualdade de gênero¹

Woman in the view of patriarchy and the struggle for gender equality²

Vanessa Gomes de Oliveira³

<https://orcid.org/0000-0001-7230-7405>

<http://lattes.cnpq.br/5021551805426536>

Centro Universitário Processus - UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: vanessagomes231@gmail.com

Jonas Rodrigo Gonçalves⁴

<https://orcid.org/0000-0003-4106-8071>

<http://lattes.cnpq.br/6904924103696696>

Centro Universitário Processus - UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: professorjonas@gmail.com

Danilo da Costa⁵

<https://orcid.org/0000-0003-1849-4945>

<http://lattes.cnpq.br/9522717317530051>

Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasília, Brasil

E-mail: educadordanilocosta@gmail.com



Informações da publicação

ISSN: 2178-2008

Recebido em: 06/02/2026

Aceito em: 16/03/2026

Publicado em: 15/03/2026

Palavras-chave:

patriarcado.

Igualdade de gênero.

Direito à igualdade.

Tradições.

Keywords:

patriarchy.

Gender equality.

Right to equality.

Traditions.

Resumo

O tema deste artigo é a mulher na visão do patriarcado e a luta pela igualdade de gênero. Investigou-se o seguinte problema: “como o sistema social patriarcal interfere dentro da sociedade atual?”. Cogitou-se a seguinte hipótese “a cultura do patriarcado imposta ao longo dos séculos é o responsável pela desigualdade de gênero”. O objetivo geral é retratar em ordem cronológica, o contexto social atual das mulheres. Os objetivos específicos são: listar os motivos que deram ensejo a essa cultura; discutir motivos que criaram a submissão sobre a mulher; investigar quais são as desigualdades. Este trabalho é importante para um operador do Direito por ter o fim da discriminação e a igualdade de gêneros; para a ciência, é relevante porque estuda como as tradições influenciam no impacto social; agrega a sociedade por mostrar as lutas femininas, desmistificando todo o pensamento da cultura do patriarcado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa teórica com duração de seis meses.

¹Artigo elaborado em 2022 por Vanessa Gomes de Oliveira, como Trabalho de Curso de Direito, sob a orientação dos professores *Jonas Rodrigo Gonçalves* e *Danilo da Costa*.

² Revisão linguística feita por Érida Cassiano Nascimento.

³ Graduada em Direito pelo UniProcessus, DF, Brasil.

⁴ Pós-doutor em Direito (Direitos Humanos); Doutor em Psicologia; Mestre em Direitos Humanos (Ciência Política, Políticas Públicas e Cidadania); Licenciado em Filosofia, Sociologia e Letras (Português e Inglês); Especialista em Direito Constitucional e Processo Constitucional, em Direito Administrativo, em Direito do Trabalho e Processo Trabalhista, entre outras especializações em Educação e Letras. Pesquisador sobre Direitos Humanos, Políticas Públicas e grupos vulneráveis.

⁵ Doutor em Educação pela Universidade Católica de Brasília, Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em Direito Constitucional e Processo Constitucional; em Direito Administrativo; em Direito do Trabalho e Processo Trabalhista. Licenciado em Geografia. Pesquisador. Editor. Professor universitário.

Abstract

The theme of this article is women in the view of patriarchy and the struggle for gender equality. The following problem was investigated: "how does the patriarchal social system interfere in today's society?". The following hypothesis was considered "the culture of patriarchy imposed over the centuries is responsible for gender inequality". The general objective is to portray, in chronological order, the current social context of women. The specific objectives are: to list the reasons that gave rise to this culture; discuss reasons that created the submission about women; investigate what the inequalities are. This work is important for a Law operator to end discrimination and gender equality; for science, it is relevant because it studies how traditions influence social impact; it aggregates society by showing women's struggles, demystifying all thought of the culture of patriarchy. It is a qualitative theoretical research lasting six months.

Introdução

O tema deste artigo é a mulher na visão do patriarcado e a luta pela igualdade de gênero, e abrangerá a cronologia histórica das lutas femininas conforme cada contexto social. O objetivo é mostrar a mulher subjugada através dos olhares masculinos e sociais, tendo um futuro predestinado devido as interferências da cultura ocidental.

Entende-se, contudo, que era o padrão da época, a mulher estava como prisioneira restando-a apenas se dedicar nas atividades domésticas, como casa, filhos e marido. Sendo exclusiva apenas ao lar, enquanto o homem era destinado sempre ao trabalho, sendo titularizado como o único ser capaz de liderar, aquele que é responsável pelo sustento da casa, criando uma hierarquia econômica e social perante a mulher (PRATTA; SANTOS, 2007).

Investigou-se, no presente trabalho, o seguinte problema: "o que a sociedade exige da mulher e qual a herança histórica do sistema social patriarcal dentro de uma sociedade e qual a importância da luta feminina para a sociedade em relação à igualdade entre os gêneros?", contudo, investigou-se "a visão que é refletida da sociedade sobre as mulheres ocorre devido a uma cultura patriarcal ensinada e imposta ao longo dos séculos". Os avanços contribuíram para que nos dias atuais as mulheres conseguissem um espaço dentro da sociedade, podendo discernir a sua vida e ter liberdade para suas escolhas, fazendo fim a uma cultura patriarcalista.

Na sociedade a mulher era submetida apenas para a destinação de se tornar mãe, relacionando entre a maternidade e a perpetuação da espécie humana. Devido existir imposições sobre as mulheres e o assunto ser algo ainda desconhecido, despertava no homem um sentimento de temor por ser algo oculto para a época, provocando medo e repulsa sobre a mulher. Ainda no tempo medieval, a mulher fora relacionada com à descendente Eva, símbolo do pecado (DELUMEAU, 1990).

Neste sentido, o artigo parte da seguinte hipótese: além da importância da luta das mulheres em relação a classe igualitária, ainda dentro da sociedade a mulher é enxergada e relacionada à submissão. Essa submissão acaba dando ênfase ainda mais na existência do patriarcalismo, e que tal pensamento ainda reflete em muitas sociedades, desmoralizando-as como seres que não possuem capacidade de conduzirem suas próprias vidas.

Por isso, existe uma valorização do empoderamento por fazer com que as mulheres se reconheçam e potencializam unindo cada vez mais as suas forças, extinguindo a dominação impostas sobre elas, para se fortalecerem, criando mais confiança. Criando um direito de poderem escolher e a capacidade de controlar as escolhas dentro da sociedade (MOSER; OAKLEY; CLAYTON, 2003).

A partir disso, o objetivo geral deste trabalho é evidenciar as situações das mulheres no contexto social atual e apresentar reflexões do passado, e transparecer que os efeitos comportamentais nos dias de hoje se dominam por serem resultados do que aconteceu no passado. E que mesmo com avanços sociais e tecnológicos, ainda assim, a mulher se encontra em situação inferior e desvalorizada.

Desde o início foi criado uma idealização sobre a mulher, havendo com que fosse mais cobrada perante os assuntos familiares como: a educação dos filhos, cuidar do lar, a estética, padrões que foram impostos por uma sociedade para dar ênfase à mulher perfeita existiu apenas para agrado masculino. Através disso, nos dias atuais fazendo com que as mulheres que não alcançam todos esses parâmetros se sentem coagidas e culpadas por não serem ou não conseguirem adquirir essas qualidades (STRUCKER, 2016).

Os objetivos específicos deste trabalho consistem em: listar os motivos que deu ensejo a submissão da mulher; discutir acerca dos motivos que trazem o papel da submissão da mulher; investigar as condições de desigualdade das mulheres dentro de cada contexto histórico. Com isso, através de pesquisas fica claro que as atitudes reproduzidas dentro da sociedade estão totalmente interligadas com a cultura introduzida e a que prevalece dentro de uma sociedade.

Para a sociedade, a mulher somente recebia o status de mulher ideal se fosse seguido os padrões impostos pela sociedade, mantendo a pureza. Cabendo a mulher viver uma vida recatada e submissa aos poderes masculinos, como pais, irmãos, e ao casar, ao marido. As mulheres desonradas eram vistas na sociedade como aquelas que estavam ligadas à prostituição e às escravas (RIBEIRO, 2007).

Este artigo buscar explorar e refletir sobre as desigualdades de gêneros e em como cada período histórico impactou e compactuou para a constância da reprodução de comportamentos para que se explanasse em toda a sociedade, trazendo reflexões entre passado e presente. Para o operador do Direito, esse trabalho é relevante devido trazer diversos efeitos para o sistema jurídico, pois a luta pela igualdade se implementa junto a democracia, a qual é um evento além da natureza jurídica, é sociopolítica, tendo como princípio basilar o fim da discriminação e igualdade entre os gêneros.

Por isso, a importância desta pesquisa para a ciência, pois estuda o comportamento social e em como costumes e tradições possuem um impacto social, podendo afetar diversas áreas subjetivas do ser humano. Uma vez que, a sociedade tem como de costume agir conforme a classe social em que pertence, influenciando nos padrões de conduta, interação entre os indivíduos e até mesmo características dentro de uma sociedade.

A importância e contribuição desta pesquisa para com a sociedade é mostrar as lutas femininas, criando uma valorização da sociedade perante algo que era totalmente desconhecido. Para poder refletir nas atitudes humanas, descaracterizando todo pensamento retrógrado deixado como culturas e tradições pelos antepassados. Que seja extinto os pré-conceitos em relação as mulheres que escolhem o que querem para suas próprias vidas, respeitando-as por serem únicas e exclusivamente como seres humanos, e não por escolhas da vida no âmbito pessoal.

Essa pesquisa trata-se de uma análise teórica, bibliográfica, com fundamento em artigos científicos e livros acadêmicos, fazendo um levantamento bibliográfico, trazendo as relações entre os fatos e os contextos de determinados períodos históricos. Aprofundando o conhecimento com a realidade vivida por muitas mulheres, e em como o padrão da sociedade interfere e se adapta a cada período.

Utilizou-se da revisão de literatura para buscar a base deste artigo que constituiu na utilização de artigos e livros acadêmicos. Foram utilizados artigos científicos e livros acadêmicos devido estes trazerem classificações junto com as análises para aprimorar e

averiguar a realidade dos fatos descritos no artigo, trazendo uma relação entre contextos sociais e o período em que se encontrava. A base para a busca dos artigos foi o Google Acadêmico a partir das seguintes palavras-chave: igualdade de gênero, sociedade no mundo patriarcal, mulheres líderes.

Como critérios de exclusão dos artigos científicos, foram escolhidos os artigos com até três autores (as) tendo pelo menos um(a) dos (as) autores (as) como mestre (a) ou doutor (a), além do artigo ter sido publicado em revista acadêmica com ISSN, se por acaso for livro científico, conter ISBN. Esta pesquisa de revisão de literatura tem o tempo previsto de três meses. No primeiro mês foi realizado o levantamento do referencial teórico; no segundo mês, a revisão de literatura; no terceiro mês, a elaboração dos elementos pré-textuais e pós-textuais que compõem todo o trabalho.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa teórica, pois optou-se em tratar dos dados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica, considerando aspectos como o comportamento social e ideias, para auxiliar pela análise dos respectivos manuscritos, analisando todos os dados como percepções interligando com a realidade entre o fato histórico e os sujeitos desses contextos.

O meio usado para elaboração do tema e do resultado das questões abordadas no artigo foi a metodologia qualitativa. Uma pesquisa qualitativa é responsável por coletar informações, através de artigos científicos e artigos acadêmicos. Porém, nos artigos acadêmicos, os autores obtêm os dados através de pesquisas bibliográficas, ou seja, analisam os dados em área específica para o conhecimento, aqueles que foram referenciados por seus autores (GONÇALVES, 2020, p.97).

A mulher na visão do patriarcado e a luta pela igualdade de gênero

Os avanços tecnológicos eram evidentes no espaço público, em que os autores desses grandes acontecimentos e progressos eram homens. Desde o princípio as mulheres estavam reclusas dentro do mundo doméstico, sendo silenciadas, não havendo independência e liberdade em poder construir suas histórias, estando silenciadas e invisíveis (VASCONCELOS, 2012).

A concepção de supremacia da centralização do homem existiu e se propagou devido haver uma sociedade que possuía como princípios basilares a religião, toda e qualquer origem está relacionado com a moral individual e coletiva. Esses princípios interferem no comportamento social, colocando desde o começo o homem em uma posição de superioridade enquanto a mulher sendo submissa a ele.

Toda essa percepção de mulher submissa foi criada devido a sociedade seguir ideologias religiosas, o qual eram comuns e relacionadas com cada contexto histórico, interpretou-se conforme a Bíblia Sagrada, livro dos cristãos, em que determinava as funções dadas ao ser masculino e feminino, a mulher fora criada como companheira de Adão e para a procriação da humanidade, servindo para atividades domésticas, como cuidar da casa e educar os filhos (DUBY, 2001).

Toda a submissão da mulher, e a predominância da dominação masculina deveu-se a sociedade possuir basilares da cultura ocidental, possuindo como princípios a centralização do homem. Acarretando a mulher de ter que se submeter a ordens impostas, caso contrário, era diabolizada pela sociedade por se mostrar desobediente as ordens impostas, sem poder agir livremente, com isso, fortalecendo ainda mais a perpetuação dessa cultura.

Ao longo dos anos, toda essa percepção sempre esteve interligada em como a sociedade discerne e enxerga o ser feminino, como seres frágeis ou fortes, vítimas ou culpadas, santas ou pecadoras, porém, sempre através dos olhares masculinos, ou seja, a

relação de como o homem enxerga a mulher e a idealiza. Apesar das imagens criadas sobre a mulher, os sentimentos masculinos também são de forma contraditória, de fascínio a desprezo, do amor ao ódio (VASCONCELOS, 2012).

Desde o princípio a mulher era ensinada desde criança a se preocupar com o homem, sendo ensinada para servir e não contradizer ao ser masculino, quando criança tinha que servir seus pais e irmãos, depois de casada, ao marido, essa era a maneira de expressar honra e respeito aos homens da família. Não podendo se expressar de forma conflitante as opiniões dos homens, para poder não desagradá-los, mulheres com atitudes diversas eram julgadas dentro da sociedade.

A mulher era ensinada em como deveria se comportar para poder assim, honrar os homens da sua família, de início pai e irmão e depois ao marido. Sendo imposta sobre si a maternidade, durante o século XVIII, juntamente com o Iluminismo. Apesar da ligação com a maternidade, no momento em que se tornavam mães não eram consideradas capazes para educarem seus filhos (NUNES, 2000).

A incapacidade da mulher em educar seu próprio filho era consequentemente devido ao homem ter o poder pátrio, pois era titularmente o chefe de família, era este o responsável por manter economicamente a casa. Com isso, a mulher era responsável pelas tarefas domésticas, sendo considerada um ser incapaz de conduzir sua própria vida e a de seus filhos, precisando de autorização do seu marido para todos os atos da vida, família e bens que eram administrados por ele.

Para a mulher única coisa que lhe restava era se tornar mãe, sendo relacionando entre a maternidade e a perpetuação da espécie humana. Devido existir imposições sobre as mulheres e o assunto ser algo ainda desconhecido, criava-se uma repulsa no homem, por ser algo desconhecido na época. Ainda no tempo medieval, a mulher fora relacionada com à descendente Eva, símbolo do pecado (DELUMEAU, 1990).

Por alguns temas ainda serem desconhecidos pela ciência a sociedade também sofria impactos por algo incógnito, assim como a gravidez. Gerava medo e receio devido a esse desconhecimento, ocorrendo inseguranças no homem, devido à falta de referências, restando apenas assistir e acompanhar à gestação, sendo a mulher apedrejada e taxada como a única responsável pelos acontecimentos.

Entende-se, contudo, que era o padrão da época, a mulher estava como prisioneira restando-a apenas se dedicar nas atividades domésticas, como casa, filhos e marido. Sendo exclusiva apenas ao lar, enquanto o homem era destinado sempre ao trabalho, sendo titularizado como o único ser capaz de liderar, aquele que é responsável pelo sustento da casa, criando uma hierarquia econômica e social perante a mulher (PRATTA; SANTOS, 2007).

Ao nascer, todo o futuro da mulher estava predestinado em aprender tarefas domésticas, estar submissa aos homens da família e afins, e à maternidade. Ainda assim, se a mulher almejasse algo fora do contexto da época, era julgada de tal forma que não era escolhida para casar, temendo sempre a obedecer. Na sociedade, uma mulher com essas características possuía um valor, por honrar os homens, sendo esta escolhida para casar, sendo a idealização de mulher perfeita.

Com isso, criou-se uma idealização de mulher ideal, a qual era aquela que era escolhida pelo homem. A mulher ideal era aquela escolhida para o casamento, e as mulheres ideais, de acordo com a perspectiva da sociedade eram aquelas que estavam sendo ensinadas desde criança em como deveria se comportar e devendo se preocupar apenas com as coisas de casa e filhos, sendo como a única característica de mulher e esposa ideal, ensinadas desde cedo a se resguardarem à espera de um marido (PONTES, 2006).

As que não estavam se preparando e sendo ensinadas desde cedo por suas mães a esperarem por um marido, não eram consideradas mulheres ideais para casar, evitando de serem escolhidas, pois para o contexto social da época tal atitude não era considerada como um princípio e valores que eram cobrados dentro da sociedade. Havendo uma diabolização e julgamento dessas, por não estarem à espera de um marido e restritas apenas em casa.

Toda essa descaracterização diabólica sobre a mulher, fazendo referências até mesmo com Eva, símbolo do pecado, criou-se pela Igreja, pois a interpretação dos fiéis era devido a mulher ser responsável por desviar o homem do caminho da salvação. Essa interpretação gerou um fortalecimento do culto à Virgem Maria, gerando todo conceito num sentido totalmente oposto do que fora entendido (MURARO, 1993).

Mesmo ainda com os julgamentos sobre o olhar feminino, a sociedade vivenciou diversas mudanças, que foram caracterizadas de acordo com cada período histórico e dos estudos que foram elaborados. Com os avanços foi criado o termo gênero, sendo entendido não apenas em relação ao sexo masculino ou feminino, mas a construção sociológica, ou seja, o gênero não é apenas uma detecção de fatos biológicos, mas como percepção social, histórica e cultural.

Todo ser humano possui em si as características do ser masculino e do ser feminino, pois para o homem a mulher é sua semelhança, mas deve haver uma submissão, devido a mulher ter sido criada para ajudá-lo, ou seja, para servi-lo. Toda essa hierarquia existe devido estar relacionado aos ensinamentos religiosos, enquanto a mulher prevalece o desejo. Com isso, incide a dominação sobre a mulher, gerando a submissão, uma vez que a mulher é procedente do homem e não o contrário, conforme Santo Agostinho (DUBY, 2001).

A palavra gênero não está relacionada apenas a distinção biológica dos seres humanos, a palavra também é propriedade sociológica, política e cultural da determinação do sexo. Nos séculos anteriores a divisão dos trabalhos aconteciam e eram justificadas pelas distinções do sexo biológico, trazendo a discussão e diferenças devido as qualidades físicas e psicológicas de ambos (MÉRGAR, 2006).

Com a criação das divisões das tarefas domésticas, houve a distinção e foi criando a construção do papel da mulher nas atividades, sempre a comparando com o homem, razão pela qual foi criado a distinção e relacionando o papel da mulher, fazendo com que se tornasse prisioneira, tendo sua vida predestinada. E apesar disso, as tarefas de cada eram baseadas conforme a distinção dos sexos, levando em consideração as qualidades físicas do homem e da mulher.

Por isso o termo gênero é confundido com a questão biológica e natural, porque é interpretado conforme foi se enquadrando dentro do contexto social. Mas, a definição de gênero não se enquadra apenas nas distinções de caráter fisiológico, sendo caracterizado como uma identidade social, que se denomina também como uma questão comportamental entre homens e mulheres (KANAN, 2010).

A distinção dos homens das mulheres vai muito mais além da complexidade biológica, além disso, considera a identidade social e os comportamentos. Pois, não são taxadas apenas as características de ambos, porque a diferença não está relacionada somente com o órgão reprodutor, mas a construção social e comportamento dessas pessoas e em como elas se enxergam, a partir disso ocorrendo uma distinção entre os gêneros.

A criação do termo gênero possui como base a relação familiar, que envolve a relação de gêneros, sendo criado ao longo dos anos por meio de organizações entre os próprios seres humanos, uma vez que existia a necessidade e perpetuação da espécie,

padronizando todo esse conceito a maneira que se discerne uma estrutura familiar (STRUCKER, 2016).

Além das diferenças da natureza dos sexos, a mulher vai ser definida ou qualificada em razão da sua característica feminina, e com isso a padronização sobre famílias foi criada apenas devido a reprodução da espécie, ou seja, todo o conceito de família taxado pela sociedade foi criado e organizado de acordo com tempo passado. Que o padrão de família ideal existiu apenas para prolongar a espécie humana, criando uma estrutura familiar de como deveria ser.

A estrutura familiar fora criada para resguardar a reprodução, sendo por muito tempo imposta devido os padrões definidos pela sociedade, de caráter religioso. Por isso, devido a necessidade de manter a reprodução da espécie humana, criou-se também uma cronologia de como deveria acontecer a formação de uma família, começando pelo namoro, casamento e filhos, essa era a importância da mulher, se resguardar para o casamento, pois estava conforme os princípios cristãos definidos pela sociedade.

Dentre as várias regras criadas e impostas na sociedade, uma delas é a que caso a mulher fosse solteira tinha de ser vigiada pelos homens da família, pai e irmãos, isso tudo era para preservar e defender a virgindade, fidelidade e a honra, mantendo a pureza. Se fosse casada, essa honra devia ao marido, sendo sempre cumpridora e honrando os homens da família (FOLLADOR, 2020).

Para a sociedade a mulher somente recebia o status de mulher ideal se fosse seguido os padrões impostos pela sociedade, mantendo a pureza. Cabendo a mulher viver uma vida recatada e submissa aos poderes masculinos, como pais, irmãos e ao casar, ao marido. As mulheres desonradas previstas na sociedade eram aquelas que estavam ligadas à prostituição e às escravas (RIBEIRO, 2007).

Toda essa atenção em cima da mulher foi criada devido a sociedade idealizar a virgindade, e por ter como princípios, os ensinamentos bíblicos, que a mulher deveria se resguardar para o casamento. Por isso os homens da família eram responsáveis por cuidar e vigiar algo que na sociedade era considerado honra, para a mulher e para a sua família.

Desde criança, as mulheres eram educadas para cuidarem da casa, de seus filhos e do seu casamento. Eram proibidas de frequentarem as escolas, a educação pertencia somente aos homens, e cada vez mais era taxada ao ambiente doméstico, sendo criado e potencializado ainda mais o patriarcalismo, que possui o homem como o chefe de família (SOUZA, 2007).

O termo patriarcalismo fora criado devido a existência da soberania masculina, estudando todo o contexto e ensejos que resultaram na colocação da mulher dentro da sociedade. Porém, há uma controvérsia que contribuem para que outras pessoas não utilizam tal conceito e não tenham interesse por fazer tal pesquisa, devido as lacunas não preenchidas. O conceito se constituiu devido aos modelos familiares e da existência da superiorização do homem a mulher.

No entanto, ainda era notório que os modelos familiares tinham como base o modelo europeu, em que havia toda uma estrutura e hierarquia familiar, o pai como figura central, sendo este abastecedor da família, destinado aos ambientes públicos, como trabalho e afins, e a mulher sendo destinada apenas na esfera privada, onde cabia a ela educar e cuidar dos filhos (STRUCKER, 2016).

Apesar das diferenças biológicas ou naturais (sexos) e com os avanços da sociedade, as mulheres estão conseguindo mostrar suas habilidades e atribuições em liderança, se destacando na gerência de negócios, e quebrando os paradigmas dos preconceitos das sociedades, mas isso tudo se deu devido aos avanços que permitiu que as mulheres frequentassem as escolas (SALVIGNI, 2015).

As conquistas das mulheres acabam que contribuindo para seus destaques dentro da sociedade, criando seu local de fala e espaço na sociedade, somente com a luta e com determinação para poder ocupar cargos e empregos que por muito tempo eram destinados apenas aos homens, e a partir disso sendo enfocadas dentro da sociedade como mulheres, seres humanos, que possuem determinação e capacidades para pensar, estudar e ser principalmente capaz de gerar ou escolher os seus futuros.

No Brasil, todo o estereótipo criado sobre o sexo feminino era relacionado ao âmbito doméstico e de submissão. Essas características aconteceu devido a colonização que fora feita por ocidentais, sendo passados e impostos a sociedade, formando essa cultura masculinizada, a qual fora imposta (FOLLADOR, 2020).

Por isso, devido existir atitudes machistas e condutas patriarcais que não são reprovadas, são enraizadas e perpetuam a ideia sobre a diferença de gênero, sobre o papel da mulher e do homem, criando uma cultura ou um costume social sobre isso. Fazendo com que perpetue nas próximas gerações, e como as pessoas estão dentro da problematização acaba não percebendo o que realmente acontece, ocorrendo a perpetuação desses atos.

Passaram a ocorrer modificações no final do período colonial, nos valores, tradições e na submissão feminina, apesar de ainda acontecer o pátrio poder. A mulher começou a ser vista no ambiente familiar, ganhando destaque e comandando sua família, por causa da ausência do homem algumas delas tiveram a necessidade de trabalhar e abrir um pequeno negócio (BESSE, 1999).

As mulheres que tinham a necessidade de trabalhar na época, eram aquelas que não tinham condições financeiras ou que não tinham ajuda dos seus companheiros, e devido a quantidade de filhos, refletindo no meio econômico. Sendo obrigada a trabalhar e gerar um meio de sustento maior para conseguir trazer insumos para suas casas.

Por elas serem humildes e terem que sustentar a casa e seus filhos, precisavam trabalhar, sendo assim, conseguindo fazer algo que era somente permitido aos homens. Fora isso, não podiam sair sozinhas, devendo apenas passar em locais públicos e sendo aceita pela sociedade somente se exercesse tal função dentro da igreja, como missas, novenas e procissões, que era considerado lazer para as jovens dessa época (FOLLADOR, 2020).

Devido a necessidade financeira houve-se a necessidade de as mulheres se inserirem no ambiente de trabalho, ainda que houvesse preconceitos pela sociedade, essa necessidade fez com que ampliasse o mercado ainda mais, por fazerem algo que era permitido somente aos homens, ocorreu a ampliação dessas mulheres perante aos julgamentos da época.

A procura dos homens entre “Evas” e “Marias” toda a ênfase e imagens criadas foi devido a misoginia, apresenta que a preocupação não está interligada entre as mulheres, e sim entre os mesmos, e que a preocupação explícita das mulheres nunca existiram. Esse distanciamento e preocupação, relativo entre os homens, é para buscar o valor da mulher dentro do casamento (VASCONCELOS, 2012).

A misoginia é um sentimento, que tal pessoa possui sobre o sentido patológico feminino, ou seja, com a presença feminina age de uma forma comportamental machista. As atitudes dessas pessoas tem como objetivo único mostrar a distinção e hierarquia entre os gêneros, com a idealização e perpetuação da supremacia masculina.

Desde o início foi criado uma idealização sobre a mulher, havendo com que fosse mais cobrada perante os assuntos familiares como: a educação dos filhos, cuidar do lar, a estética, padrões que foram impostos por uma sociedade para dar ênfase à mulher perfeita existiu apenas para agrado masculino. Através disso, nos dias atuais fazendo com

que as mulheres que não alcançam todos esses parâmetros se sentem coagidas e culpadas por não serem ou não conseguirem adquirir essas qualidades (STRUCKER, 2016).

Nos dias de hoje há a cobrança sobre a mulher no seio familiar, algumas mulheres almejam a atividade doméstica, em cuidar de seus lares, filhos e marido. Mas, de acordo com que a sociedade foi evoluindo juntamente com as tecnologias houve a necessidade da mulher também se inserir no mercado de trabalho, ajudando dentro de suas casas financeiramente, ocorre que também se existiu a necessidade com que a mulher trabalhasse porque muitas dessas mães assumem esse papel sozinhas, ou seja, são mães solo, que são inteiramente responsáveis na criação de seus filhos e do sustento dos seus lares.

Com o incentivo da alfabetização das mulheres, ainda havia um modelo familiar patriarcal que as subjugavam. Ocorrendo muitas mudanças, mas lentamente sobre esse conhecimento, na Europa nos séculos XVI e XVII, fazendo com que as ideias de Lutero sejam influenciáveis, por pregar que a salvação era responsabilidade de cada indivíduo, defendendo sobre a importância da mulher ideal para ser educada deveria saber ler, escrever e contar (SONNET, 1991).

Após acontecer o incentivo e indicada a importância de a mulher estar presente dentro do ambiente escolar, a partir disso, começou a desmoralização de toda a misoginia sobre as mulheres, uma vez que havia um sentimento de repúdio excessivo, traduzindo um comportamento machista e opiniões de desigualdade e hierarquia entre os gêneros.

Ainda que com a ampliação e desmistificação sobre inserir as mulheres na sociedade, principalmente em atividades que era permitido somente aos homens, criou-se uma problematização desses fatos sobre os progressos, pois apesar de ocorrer essas grandes transformações, ainda assim, acabava afetando positivamente os homens, voltando à estaca zero na posição social das mulheres (VASCONCELOS, 2005).

Mesmo acontecendo as mudanças, a sociedade se modificando, as tradições não sendo exatamente as mesmas, a mulher tendo como papel a criação e educação dos filhos, ainda não eram o bastante para estarem partindo do mesmo ponto de vista, estando os homens, como sempre, a um passo à frente, apesar de pequenas e lentas mudanças, ainda não era o bastante para haver uma recolocação da mulher dentro da sociedade por igual.

Com todas essas pequenas mudanças, no século XIX, na Europa, trouxe mais mudanças as mulheres, influenciando também a América. Esse século ficou conhecido devido aos países desenvolvidos buscarem a igualdade de direito de homens e mulheres. Porém, no Brasil ainda estava enraizado a cultura patriarcal, porque apesar da sua Independência, o país seguia a produção escravocrata. Segundo Souza (2007), “a maior transformação ocorreu na década de 1870, quando as mudanças socioeconômicas foram minando as bases do patriarcalismo”.

Na metade do século XIX, aconteceu outros grandes avanços destinados às mulheres, dando acessibilidades e oportunidades de cursarem no ensino primário e secundário. E com os seus esforços podendo se dedicar e alcançar o magistério, reafirmando a ideia de que a mulher por sua natureza foi criada para educar. As escolas primárias foram destinadas a formar professores primários preparavam as mulheres para a carreira de ensino, permitindo que assim pudessem continuar investindo em sua educação. Diante da sociedade da época, o magistério era visto como profissão honrada, destinada apenas para mulheres que possuíssem dignidade (FRANCO, 2004).

O que está sempre em evolução na antropologia histórica é a evolução da sociedade, que com o passar dos anos é usado para estudar um comportamento social. No início do século XIX sobre a história das mulheres, porém é algo recente se tornando como

pauta nas últimas décadas, considerando uma parte fundamental e evolutiva da sociedade (VASCONCELOS, 2005).

Dentre as evoluções, destaca-se a primeira lei criada referente as mulheres, sobre a educação, em 1827, que tinha como objetivo permitir e transferir as meninas para frequentarem a escola até o nível elementar, ainda sendo proibidas de frequentarem as instituições de ensino superior. Porém, mesmo essas modificações, ainda o que era ensinado no meio escolar era tudo relacionado ao âmbito doméstico, como costura, escrita e aritmética, sendo totalmente diferente do que era ensinado aos meninos (FOLLADOR, 2020).

Apesar das evoluções no âmbito educacional, ainda havia distinção e qualidade dos ensinamentos destinados a meninos e meninas. Apesar de ser um grande avanço para a época, mesmo assim, os meninos estavam a um passo à frente, por estarem preocupados e ensinados na vida profissional, as meninas ainda estavam restritas no campo doméstico.

A década de 1970 foi conhecida como a época em que aconteceram os grandes avanços, e com isso ressurgiram os movimentos políticos, um desses constituía os movimentos políticos que defendiam os direitos das mulheres. Ocorrendo também tal mudança nas Nações Unidas, incentivando políticas governamentais em favor das igualdades e direitos relacionados ao sexo feminino, havendo um conhecimento sobre o tema, devido a familiarização (SCOTT, 1990).

Já na década de oitenta o conceito de gênero acaba se tornando utilizado perante as relações sociais, ensinando sobre a necessidade de estudar as inter-relações entre os dois sexos. Fazendo com que as mulheres contribuíssem para a construção de suas histórias sendo até mesmo destaques e temas nas pesquisas acadêmicas (VASCONCELOS, 2005).

Ou seja, apesar dessas mulheres terem acesso à educação e ao trabalho, não eram remuneradas e mesmo com as mudanças que estavam acontecendo mundialmente naquela época, a realidade brasileira ainda era outra. Mesmo com incentivos e estudos sobre as desigualdades presentes, o trabalho da mulher não era reconhecido, não considerado um trabalho, era, sim, uma obrigação, tendo, assim, que continuar no meio doméstico, ou seja, não houve modificação em relação a valorização do papel da mulher na sociedade.

De acordo com pesquisas, no final dos anos setenta, as mulheres que trabalhavam eram, na maioria, jovens, solteiras e sem filhos, que em um futuro próximo passariam a ser velhas, casadas e mães, fazendo com que houvesse a carência, devendo contribuir com a renda familiar, devido a expansão da família. Juntamente a esses fatos, ocorreu também a expansão do nível de escolaridade, no meio das universidades e nas escolas de carreira, sendo assim, as mulheres conseguiram tomar postos de liderança e estarem em setores mais prestigiados, que antigamente eram cargos masculinos, como medicina, advocacia e engenharia (BRUSCHINI; PUPPIN, 2004).

Contudo, ainda assim as mulheres conseguiram ser reconhecidas, como historiadoras que participavam de congressos feministas, e nas universidades as estudantes reivindicaram os seus direitos. Para buscar reconhecimento e que usassem provas e documentos de mulheres que foram oprimidas, massacradas, mostrando a importância desse estudo, com apoio do movimento feminista (SCOTT, 1990).

Embora algumas características serem determinadas sobre as mulheres, as empresas podem enxergar de uma maneira competitiva, pois não são inatas, mas sim desconstruídas socialmente. Apesar de o homem ainda ser dominante dentro da sociedade, mesmo que desigualdade de gênero persista, a mulher deve continuar e contribuir para com a sua valorização de sua liderança (SALVIGNI, 2015).

Com os avanços dos estudos relacionados ao gênero, ainda há uma quebra de distorção do tema porque há uma diferença entre o discurso histórico acadêmico e a história sobre as mulheres. Pois onde é mais debatido é na periferia, que na maioria das vezes perante a falta de informação é onde mais se é praticado esse tipo preconceito, tendo que ser rompido esse paradigma e chegar a todas as pessoas.

A Revolução Industrial, a partir do século XIX, veio como lucidez trazendo consigo um entendimento sobre a percepção da identidade social, sendo levado em questão a soberania do ser masculino, a qual estava enraizada nas relações de gênero. Mostrando assim, a submissão ao homem, o comportamento social e de como a mulher era encaixada nesse meio. Conquistando as mulheres a terem direito ao voto, de poder controlar a quantidade de seus filhos, uma liberdade de divórcio, podendo escolher em qual área ou profissão atuar e também liberdade sexual (FONTELENE-MOURÃO, 2006).

Apesar da criação e entendimento cada vez mais sobre os direitos da mulher, ainda assim, não foi rompido o papel de maternidade e do casamento. Ainda que houvesse o acompanhamento sobre o processo de empoderamento da mulher, existindo uma liberdade de escolha ainda era direcionada e taxada para o papel de mãe. Por isso, as lutas dos movimentos feministas se destacaram por fazer com que as mulheres pudessem ter opções, para que realmente existisse uma escolha, e não uma imposição (STRUCKER, 2016).

As mudanças sucedidas aconteceram devido aos avanços sociais, e ocorreram por causa da existência dos movimentos e das lutas constantes das mulheres, dentro e fora das universidades. Toda essa mudança aconteceu, devido aos avanços que concedeu nos ensinos e nas pesquisas que foram feitas, para poder criar a compreensão sobre a dominação (SCOTT, 1990).

Essa luta não era apenas para uma vida igualitária, independente dos sexos, mas também de liberdade pessoal. De poder escolher quem quer ser e o que quer fazer, entre ser mãe e esposa, ou ser uma profissional capacitada de um ramo que era apenas exercido por homens, nenhuma dessas escolhas faz uma mulher ser menos mulher, o que denomina o gênero também não é apenas biológico, mas se identificar como aquela possui liberdade de escolha e ter o seu espaço na sociedade, deixando para traz todo o androcentrismo.

O androcentrismo é a centralização do homem, é o sexo masculino no centro, colocando este sempre como o único ser da representatividade, estando o pensamento acima de todos os outros, porém, não era qualquer homem que tinha isso a seu favor, eram homens adultos, casados e que possui como honra e valentia (SARDÃ, 1991).

No ambiente de trabalho a mulher ainda é bastante desvalorizada, pois existe uma projeção da imagem da mulher como dona do lar, fazendo com que toda sua competência e esforço no trabalho não seja valorizado, não seja levado em consideração, pois entendem que ela não deveria estar ali, não dando lugar de fala para ela exercer seu objetivo (FONTELENE-MOURÃO, 2006).

Ao ocorrer a ingressão das mulheres em locais que não eram permitidos, devido a destinação ser apenas aos homens, ainda terem seu local e seu espaço está como uma meta, que está sendo atingido aos poucos, pois existe por traz disso uma história hegemônica a qual não mostra frutos perante as lutas, sendo construída com um discurso androcêntrico.

Por isso, existe uma valorização do empoderamento por fazer com que as mulheres se reconheçam e potencializam unindo cada vez mais as suas forças, extinguindo a dominação impostas sobre elas, para se fortalecerem, criando mais confiança. Criando um

direito de poderem escolher e a capacidade de controlar as escolhas dentro da sociedade (MOSER; OAKLEY; CLAYTON, 2003).

Atualmente, atitudes como essas são reproduzidas dentro do âmbito trabalhista, pois a cada dia tem crescido abundantemente o número de mulheres dentro das relações trabalhistas. Sendo uma conquista para todas, conseguindo alcançar e realizar também a possibilidade de frequentarem escolas, se capacitando e exigindo respeito por causa da sua competência. Mas, o reconhecimento como cidadã não é apenas o suficiente para combater esse preconceito de gênero, que se amplia não somente nisso, porque com as conquistas ainda há diferença salarial por causa dos gêneros e também nos cargos de liderança (SALVIGNI, 2015).

Contudo, com objetivo de extinguir toda contribuição criada no passado, houve uma contribuição dos estudos de gêneros, dando segmento para conhecimentos livres de preconceitos que estavam ligados aos hábitos devido a prevalência das tradições e costumes presentes dentro do contexto social, fragmentando todo ensinamento enraizado e que se multiplicaram durante muitos anos (MATOS, 1998).

Na atualidade, onde é notório as mudanças são dentro dos ambientes de trabalho, por causa das lutas femininas as mulheres conseguiram conquistar e permitir que pudessem frequentar escolas e se especializarem fez com que as colocassem dentro do mercado de trabalho, no campo profissional. Conseguindo se qualificar em posições de hierarquia dentro das empresas, que conseguem capacitar ainda mais o desenvolvimento profissional e habilidades (BRUSCHINI, 2000).

Ocorre que, a mulher apesar de ter de cumprir a carga horária dentro da empresa, os homens continuam um passo à frente, porque aos homens restam se especializarem e qualificarem seus trabalhos dentro da empresa a qual prestam o serviço. Ou seja, tendo como responsabilidade e foco seu trabalho, porém as mulheres possuem jornada de trabalho tripla, pois além da carga horária cumprida dentro da empresa, possui os afazeres domésticos, como cuidar da casa e filhos. Acontecendo um sobrecarregamento, impedindo muitas vezes das conquistas profissionais femininas, como, por exemplo, uma carreira de gestão nas empresas (SALVAGNI).

Assim, reconhece sobre os empenhos, comportamento e domínio sobre serviços essenciais que a mulher possui. Como possui espírito de liderança forma-se uma capacitação dentro da organização de trabalho, conseguindo trazer para sua vida um balanceamento e distinguindo a vida pessoal da vida profissional, sem sobrecarregar ambos (SILVA, 2010).

Considerações Finais

Com o desígnio de compreender, analisar e relatar as condutas sociais, este artigo estudou sobre o comportamento e a interferência da sociedade e em como isso influencia nas lutas das mulheres dentro de uma sociedade ainda patriarcal e a luta como consequência de ganhar um espaço dentro da sociedade percorrendo pelos mesmos caminhos e direções que os homens.

Os problemas centrais do artigo foram: “o que a sociedade exige da mulher e qual a herança histórica do sistema social patriarcal dentro de uma sociedade e qual a importância da luta feminina para a sociedade em relação à igualdade entre os gêneros?”. Com a hipótese de acreditar na evolução das lutas das classes femininas, que mesmo ainda com uma sociedade que possui um machismo implementado com a visão de submissão sobre a mulher, e mesmo assim consegue sobressair e desmistificar toda essa situação social, pois colaborava com os avanços e extinguia a imposição do papel da mulher nos dias atuais.

O objetivo geral foi mostrar e evidenciar que mesmo com os avanços sociais e tecnológicos ainda existe um pré-conceito sobre o papel da mulher, com a tendência de desvalorizar e inferiorizar tudo que advém do feminino por causa de uma sociedade que ainda possui basilares construídos com base no patriarcalismo. No entanto, os objetivos específicos possuem uma objetividade de descrever motivos que ensejaram na dominação da submissão da mulher, controvertendo sobre ensejos que causam a prevalência da cultura machista e fazendo uma cronologia das avenças sobre desigualdades dentro de cada contexto histórico.

A pesquisa realizada neste artigo é importante para os autores por alcançar efeitos para o sistema jurídico, contribuindo com estudos realizados e também viabilizando o resultado em como a discriminação contra a mulher ainda é comum em todos os lugares do mundo, mas o direito colabora para uma igualdade entre os gêneros; para a ciência é relevante por estudar o comportamento social e em como as tradições interferem nas condições subjetivas do ser humano; a contribuição com a sociedade realizada nessa pesquisa é por valorizar as lutas e conquistas femininas, educando de forma que reflita dentro da sociedade e das atitudes para dilacerar toda imposição advinda dos antepassados.

Os resultados sucedidos com essa pesquisa teve a interpretação de que apesar de a sociedade atual contribuir para extinguir toda repulsão relativo à mulher, comportamentos negativos presentes na sociedade ainda consistem em ser algo comum, devido terem crescidos e terem construído seus caracteres com embasamento em seus antecedentes, sendo o futuro um resultado de tudo que acontece e foi ensinado no passado.

Referências

- BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil**. 1914-1940. São Paulo: USP, 1999.
- BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação. In: Baltar da Rocha, M. I (org.) **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. São Paulo: Editora 34. (2000).
- BRUSCHINI, Cristina; PUPPIN, Andrea Brandão. O trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 34, n.121, pp. 105-138, jan./abr, (2004)
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados: UFGD, 2014.
- DELUMEAU. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990
- DUBY. Georges. **Eva e os padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p. 168.
- DUBY. Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. (Vol. 1). Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista Fatos&versões**, 2020.

- FONTENELE-MOURÃO, Tânia Maria. **Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência**. Brasília, DF: Secretaria de Política para as Mulheres (2006).
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993
- FRANCO, Sebastião Pimentel. As escolas femininas de formação para o magistério no Espírito Santo: Primeira República. **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória: Ufes, n. 16, 2004
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 3, n. 7, p. 95–107, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3969652. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/41>>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como fazer um projeto de pesquisa de um artigo de revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Ano II, Vol. II, n. 05, ago./dez., 2019. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/121>>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Como escrever um artigo de revisão de literatura**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos. Ano II, Vol. II, n. 5, ago.-dez., 2019. Disponível em: <<http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/122>>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Escolha do tema de trabalho de curso na graduação em direito. **Revista Coleta Científica**. Vol. 5, n. 9, p. 88–118, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5150811. Disponível em: <<http://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/58>>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Manual de Projeto de Pesquisa**. Brasília: Processus, 2019 (Coleção Trabalho de Curso, Vol. I).
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Metodologia Científica e Redação Acadêmica**. 8. Ed. Brasília: JGR, 2019.
- KANAN, Lilia Aparecida. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organização e sociedade**, Salvador, vol. 17, n. 53, p. 243-257, abr./jun, 2010.
- LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995 p.221.
- MOSER, Claus Adolf. **A theory and methodology of Gender Planning: Meeting Practical and Strategi gender needs. Gender and Planning Working Papers**. London, Developement Planning Unit. University College London, n. 11, 1986
- MATOS, Maria Izilda. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: **Cadernos Pagu**, Nº 11, 1998. Campinas. p. 67-75.

- MERGÁR, Arion. **A representação social do gênero feminino nos autos criminais na Província do Espírito Santo (1853-1870)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2006.
- MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.255.
- OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento** (“empowerment”). Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo: Instituto Pólis, 2003
- PONTES, Maria das Neves Alcântara de. O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma abordagem sócio-linguística-cultural nos anos 30- de Casa-Grande à Senzala. **PG Letras 30 anos**. Vol. I (1), pp. 39-53.
- PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**. maio/ago., p. 247- 256, 2007.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SALVIGNI, Julice; CANABARRO, Janaina. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado**. 2015.
- SARDÀ, Amparo Moreno. **Em torno al androcentrismo em la història**. Cuadernos inacabados. El arquetipo viril protagonista de la història. Exercícios de lecturas no androcentrica. Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 17-52, 1991.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990.
- SILVA, Marcelo Aparecido. **Todo poder às mulheres: esperança de equilíbrio para o mundo**. São Paulo, Best Seller, 2010.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p 275-296.
- SONNET, Martine. **Uma filha para educar. História das Mulheres no Ocidente**. Volume 3: Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991, p. 141-179.
- SOUZA, Alinaldo Faria de. **Entre a reclusão e o enfrentamento: a realidade da condição feminina no Espírito Santo a partir dos autos criminais (1845-1870): desmistificando**

estereótipos. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2007.

STRUCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. “Bela, recatada e do lar”: os novos desdobramentos da família patriarcal. XIII Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea & IX Mostra Internacional dos Trabalhos Científicos. 2016.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica. **Revista Ártemis**, 2005.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres na Sociedade Ocidental. **Revista Ártemis**, 2012.